

APLAUSO

ANO III Nº 34

teatro

EXEMPLAR GRATUITO

Inez Viana

Elis

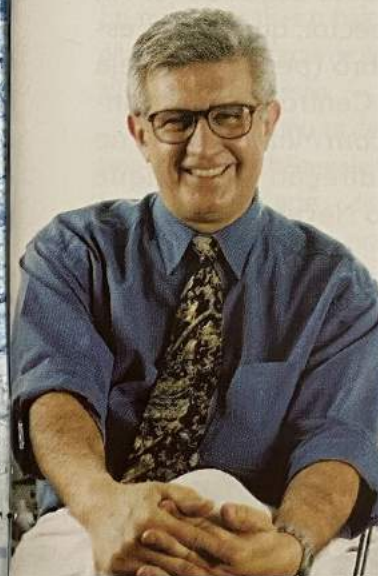
Elis Regina
revive em
musical de
Diogo Vilela

Em cartaz ☆ Jornal do Teatro ☆ André Gawronski ☆ André Valli ☆ Beatriz Segall ☆ Domingos de Oliveira
☆ Douglas Dwight ☆ Edson Celulari ☆ Letícia Spiller ☆ Louise Cardoso ☆ Naum Alves de Souza

A volta ao lar

“Bela peça de Harold Pinter, *A Volta ao Lar* é o ponto alto da dramaturgia do século XX. Gostaria muito de tê-la escrito, mas fico contente em saber que ela existe e permanecerá. Não comecei este artigo para falar de Pinter, e sim da minha própria “volta ao lar”, um lar chamado Teatro. Trilhei caminhos diversos que me permitiram dirigir shows musicais, concertos de música erudita, óperas. Foram experiências enriquecedoras, mas que me afastaram dos textos, das delícias misteriosas da direção e da interpretação dos atores. A ópera e a música continuam me fascinando, porém quero retomar as primeiras e apaixonantes veredas. Estou em fase inicial de ensaios de *A Hora da Estrela*, lendo na mesa ainda, e sentindo como é boa a volta a esse tipo de lar. Tive, como todo mundo, períodos de desânimo e descrença, mas alguns pequenos milagres aconteceram. Vou contar um deles.

Há alguns anos, Celso Frateschi me convidou para assisti-lo e eu fui ver o trabalho do bom amigo. O local, em demolição para reforma, era assustador, um vasto espaço que no passado abrigou um depósito de carnes em São Paulo, o Tendal da Lapa. Milhares de tijolos, pedaços de concreto, ferragens de máquinas, paredes caídas. Não se via o fim por causa da escuridão. Pouquíssima gente na platéia – nem me lembro se havia alguma cadeira. Celso, sozinho no meio daquilo tudo, iluminado por uma lâmpada comum, fez seu espetáculo. Vi quase com exclusividade, intimidade mesmo, um ator puro, sozinho - rosto, voz, inteligência, talento - interpretar com fé um texto poderoso de Heiner Muller. Foi um momento especial que me fez, mais que tudo, acreditar que faz sentido fazer teatro, habitar um lar onde falta uma parede.”



Naum Alves de Souza, janeiro de 2002

Sem Cultura o País Desperdiça Energia



FURNAS entende de iluminação e sabe que a pior escuridão é a falta de identidade cultural de um povo. É por isso que boa parte de sua energia é distribuída às diversas linhas de transmissão cultural. Através de apoios e patrocínios, FURNAS mantém acesas as manifestações artísticas mais representativas do país. Divulgando a nossa história e os processos criativos dos seus autênticos agentes culturais, o Brasil ganha visibilidade internacional e garante muita luz sobre às atuais e futuras gerações.

Entre mulheres

Se 30 anos como produtora já são uma glória, 46 como atriz merecem justíssimas homenagens! E é Maria Pompeu quem comemora no Café do Teatro Gláucio Gil, com *Amor Feminino Plural*. O espetáculo reúne 40 mulheres – 24 autoras do texto, quatro músicas, três atrizes, além da equipe técnica totalmente feminina. Entre as autoras, Adélia Prado, Lya Luft e Lygia Fagundes Telles.

Tempo de samba

O samba invade o Teatro III do CCBB em janeiro, sempre às 18h. De 9 a 13, Jards Macalé relembra Moreira da Silva em *Centenário da Malandragem*. *O Samba e Poesia*, de Carlos Cachça, ganham espaço do dia 10 ao 20, nas vozes de Nelson Sargente e Carol Saboia. E de 23 a 27, é a vez de Ismael Silva, *Um Bamba do Estácio*, com Fátima Guedes e Cláudio Jorge.

Para todos

A Casa da Gávea começa o ano de 2002 com várias oficinas. Teatro para crianças, com Clarisse Derzié. A arte do gesto para todos, com Luís de Lima. Praticando áudio e trilha sonora, com Andrea Zeni. Oficina de criação literária, com Virgínia Cavalcanti. Teatro para adolescentes, com Luisa e Carlos Thiré. E Roteiro, com Alberto Salvá. Os cursos só serão interrompidos durante o Carnaval. Ufa!

Clarice no palco

Fauzi Arap adaptou para o teatro o livro *Paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, que deverá estreiar em outubro (pena que esteja tão longe!) no Centro Cultural Banco do Brasil. Com Mariana Lima no elenco, terá direção de Enrique Diaz e Marcelo Neves, este na parte musical.



MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Adriana Pittigliani/divulgação.

Beatriz Segall

Diversão, poesia, ética e gols



O teatro é uma arte que, como toda arte, e acima de suas grandes funções, deve melhorar o ser humano, o que dá a todas as pessoas envolvidas uma grande responsabilidade social. Eu mesma já usei o palco, em tempos de ditadura, como forma de protesto contra uma situação de opressão.

Na atual conjuntura democrática, o teatro – e isso também vale para todas as outras formas de arte – deve assumir a sua função de espalhar o prazer, a poesia e a informação sobre o que é justo e o que não é. Sendo assim, a beleza e a qualidade do que se faz estão diretamente ligadas a este objetivo.

O momento me é muito feliz, exatamente porque posso fazer um texto como *Ponto de Vista*, de David Hare, e com ele expressar uma série de preocupações de interesse geral e que, ao mesmo tempo, particularizam

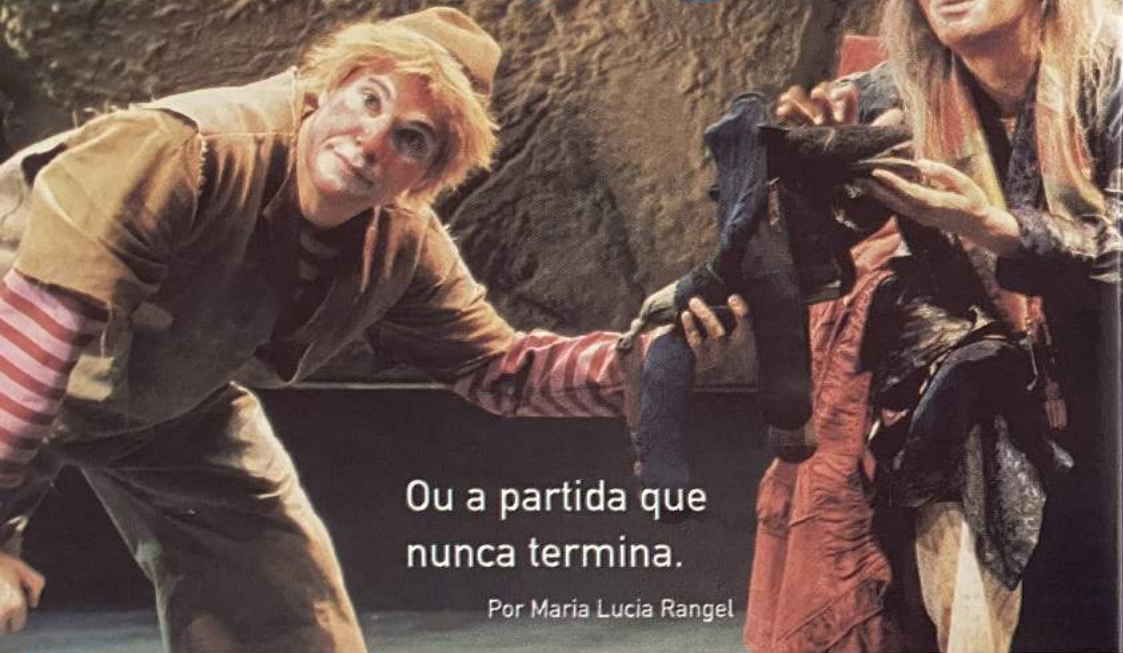


Beatriz Segall: "Fiz alguns sacrifícios e gols"

atitudes e princípios que eu considero muito importantes para a discussão da ética e da moral do momento atual. E tudo isso sem fugir da função primeira do teatro, que é a de divertir o público.

A minha profissão só se realiza plenamente quando se é feliz no exercício dela. E quando se acredita e se respeita o que se está fazendo. É preciso muita luta para se chegar ao ponto de poder escolher o que se faz. Mas este é um gol que deve ser realizado. Para alcançá-lo, qualquer sacrifício vale a pena. Eu fiz alguns sacrifícios e gols. E estou extremamente feliz com isso."

Fim do jogo



Ou a partida que nunca termina.

Por Maria Lucia Rangel

Um dos maiores prazeres de Edson Celulari é agradar seu público da tevê no teatro. E este público tem gostado de *Fim do Jogo*, a peça de Samuel Beckett que estreou em Belém, fez temporada em São Paulo e neste mês de janeiro estréia na Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon. Melhor ainda é quando os fãs voltam ao teatro e dizem para o ator: “sabe que não dormi esta noite pensando na peça?”. Edson se define como homem de teatro. É o que mais gosta de fazer e o que vem fazendo nos últimos tempos ao lado de um grande parceiro, Cacá Carvalho, com o qual divide os “absurdos” de Beckett.

Segunda peça de Beckett (a primeira foi *Esperando Godot*), e escrita em francês, *Fim do Jogo* estreou em Londres neste idioma. De acordo com o tradutor Millôr Fernandes, trata-se de uma “tragi-comédia ou uma come-tragédia da melhor qualidade”. Millôr entregou o trabalho aos atores com uma carta pessoal, onde explicava que eles não deveriam perder este humor na montagem. O conselho foi seguido à risca.

Fim do Jogo tem a ver com o clamor de um grupo de pessoas. Hamm é um professor cego e paralítico. Seu filho de criação, Clóvis, não consegue sentar, é muito manco e para enxergar precisa de uma lupa.

A geração mais velha, os pais de Hamm, estão debilitados pela idade avançada, com memória e visão fracas, além de não possuírem as pernas. O grupo se completa com um cachorro de pano com apenas três patas. “Beckett usa a sutileza e o humor para chegar à profundidade, que ele chamava de leveza”, diz Celulari.

Uma longa parceria

Quando Cacá Carvalho fez *Macunaíma* no Teatro São Pedro, em São Paulo, Celulari estava participando de um espetáculo no mesmo teatro. Os dois voltaram a se encontrar anos depois em *Hamlet*. Cacá como Horário e Celulari como Laerte. Logo depois, Cacá mudou-se para a Itália. Quando Celulari decidiu montar *D. Juan*, de Molière, telefonou para o amigo convidando-o para o elenco. O argumento usado funcionou.

“Cacá, você tem que vir. A comida aqui é tão boa. Tem tucupi, tacacá e a direção é do Moacyr Góes”. Celulari ri ao se lembrar: “não é que ele veio mesmo?” Até que no último réveillon, em Veneza, Cacá deu a idéia de montarem Beckett.

“O que forma o ator são as suas peças”, diz Celulari. “Eu e Cacá temos caminhos distintos, mas possuímos uma afinidade de trabalho e de gostos. Gostamos de comer e de nos divertir juntos, meio uma subversão, que suscitou até na troca de papéis nesta peça”. Se um dia um deles é Hamm, no outro pode ser Clóvis. Um exercício difícil, que estimula mais do que cansa. “Estamos atrás da nossa cabeça”, admite Celulari. “A vida é feita de incertezas mesmo. E essa desolação te remete a uma reflexão necessária sobre os valores que a cada dia você tem que mudar. Discutir isso é saudável. É o que acha Beckett.”

FOTOS: LUIZ BRAGA/DIVULGAÇÃO

Edson Celulari e Cacá Carvalho



Meu Destino é Pecar



Um folhetim de Suzana Flag. Ou de Nelson Rodrigues.

Por Maria Lúcia Rangel

É o primeiro Nelson Rodrigues de Gilberto Gawronski. Convidado para dirigir a Cia. dos Atores, Gawronski enfrenta um texto escrito pelo grande dramaturgo, mas assinado por Suzana Flag, pseudônimo usado por Nelson em diversos folhetins escritos para jornais. *Meu Destino é Pecar*, que sobe

ao palco do Teatro Maria Clara Machado, no Planetário da Gávea, teve 38 capítulos publicados entre março e junho de 1944, no *O Jornal*, diário de Assis Chateaubriand que saltou de três mil exemplares para 30 mil, graças à história, a novela global da época.

Envolvido em outro projeto, Enrique Diaz

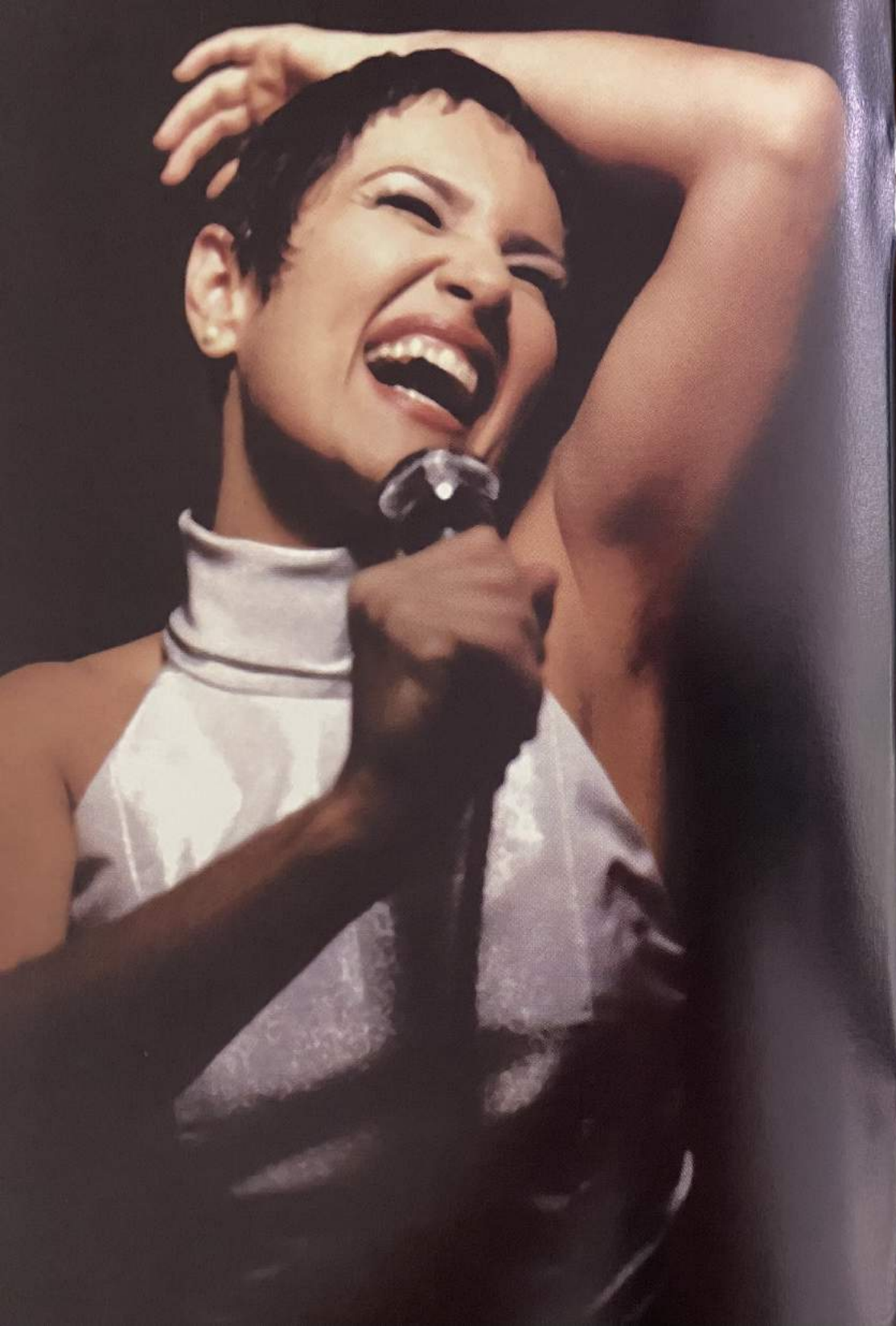
pela primeira vez não dirige a Cia. dos Atores, e escolheu Grawronski para a missão. “O que fiz foi escolher uma linha de adaptação, trabalho que realizei com Pedro Pontes”, conta o diretor convidado. *Se Meu Destino é Pecar* não tem a carpintaria teatral tão preciosa da obra de Nelson Rodrigues, por outro lado, segundo Gawronski, está muito próxima da cultura brasileira. “A teledramaturgia, nossa ficção mais consumida, está muito presente. Não podemos esquecer que a formação emocional do povo brasileiro é a cultura de novela.”

Um Nelson diferente

Gawronski diz que tentou não escrever uma peça de Nelson Rodrigues. Se não, montaria um texto do próprio. “Trabalhei basicamente com a realidade, o pensamento e a memória. Nós já vivemos a época do diretor no teatro. É bom, agora, ver o jogo dos atores de novo na frente da cena”. Do octeto que forma o núcleo da companhia, não participam do espetáculo Drica Moraes e Marcelo Valle, além do diretor Enrique Diaz. Mas estarão no palco Gustavo Gasparani, Bel Garcia, César Augusto, Marcelo Olinto, Suzana Ribeiro e a atriz convidada Malu Galli, companheira do grupo em *O Rei da Vela*. “Queríamos pesquisar uma forma de mostrar Nelson sem ser aquele Nelson das peças que todo mundo já reconhece. Uma forma mais livre, para experimentarmos diferentes possibilidades de se contar uma história”, explica Bel Garcia.



Esta é simples, como convém a um folhetim. Paulo, viúvo com coração e mente presos à falecida Guida, se casa com a jovem Leninha, que não o ama mas aceita o matrimônio para evitar que o pai alcoólatra vá para a cadeia. Na fazenda onde vai morar depois do casamento, ela é assediada pelo cunhado Maurício, que sempre seduziu as mulheres da vida de Paulo. Leninha ainda é obrigada a conviver com uma sogra autoritária, uma prima do marido que tenta amedrontá-la e o próprio fantasma de Guida, na verdade Regina, amante de Maurício que vive numa cabana nas terras da fazenda. A história, rocambolesca, foi claramente inspirada em *Rebecca*, a *Mulher Inesquecível*, o romance de Daphne de Maurier que Hitchcock levou para o cinema, com Joan Fontaine e Laurence Olivier.



FOTOS: ADRIANA PITTIGLIANI/DIVULGAÇÃO

Elis

Musical de Diogo Vilela faz uma homenagem à grande intérprete brasileira.

Por Maria Lucia Rangel

Além de fã da cantora, Diogo Vilela foi, acima de tudo, fã da energia de Elis Regina. E no roteiro que escreveu para o espetáculo *Elis*, que também dirige – a estréia é dia 17 deste mês no Centro Cultural Banco do Brasil - ele optou por mostrá-la como um símbolo. “Elis ficou no inconsciente do Brasil, de certa maneira. A música dela pertencia a um tempo em que a gente procurava acreditar no sentimento. Sentimos saudades não só da artista, mas da autenticidade daquela época”, diz ele, num dos intervalos do ensaio.

Tanto os autores do texto, Douglas Dwight e Fátima Valença, quanto Diogo foram convidados para trabalharem no espetáculo pela Produtora Sarau. E a indicação partiu de Soraya Ravenle, que a princípio faria Elis Regina. Soraya acabou saindo do projeto e, em seu lugar, entrou Inez Viana, que participou do musical *Dolores* e vai interpretar a cantora dos seis aos 36 anos. Baixinha como

Elis, com uma bela voz e formada pela CAL em 1987, ela diz que antes mesmo de se tornar atriz já cantava imitando Elis. Mas não chegou a assistir nenhum show da cantora. Viu agora os vídeos, ouviu todos os discos e tem vivido 24 horas em função deste projeto. “Apesar do meu timbre de voz ser parecido com o dela”, explica Inez, “eu não faço uma imitação. Mas somos parecidas fisicamente. E, claro, vendo os vídeos acabei pegando os trejeitos”.

Pesquisa musical

Douglas Dwight, co-autor do texto, admite que guarda a frustração de nunca ter assistido Elis ao vivo. Descobriu a cantora quando tinha apenas 15 anos, durante férias em Belo Horizonte, ouvindo os discos da cunhada. Em compensação, jogou-se de cabeça no atual projeto. Leu vários livros, jornais e depoimentos, assistiu vídeos e decidiu usar como fio condutor do espetáculo

o show *Saudade do Brasil*. “Era o show que melhor reunia o que ela foi e o que a gente queria falar. A ação vai e volta no tempo, mostrando, por exemplo, sua participação no programa de calouro de Ary Rêgo, em Porto Alegre, quando da primeira vez não conseguiu cantar e, na segunda, sangrou pelo nariz de nervoso”, conta Douglas.

Sofrimento mesmo foi selecionar as músicas, cerca de 30, entre elas *Vida de Bailarina*, as canções de *Dois na Bossa* (Flávio Bauraqui interpreta Jair Rodrigues), *Águas de Março*, *Sabiá*, *Aos Nossos Filhos*, *Atrás da Porta*. “Quando não fazem parte de *Saudade do Brasil*, as músicas estão inseridas no contexto da história. Por exemplo, *Cartomante* entra quando ela está saindo de Porto Alegre em direção ao Rio, nos anos 70”, explica Douglas. “Queremos fazer uma homenagem àquela que foi a maior intérprete que o país já teve”.

O elenco, que além de Inez tem Nelson Freitas Jr., Jandir Ferrari, Marcos Oliveira e Malu Valle, vai interpretar também os pais de Elis, os dois homens com quem foi casada (Ronaldo Bôscoli e César Camargo Mariano), Milton Nascimento, Edu Lôbo, Nelson Motta e Lennie Dale, além de citar tantos outros, como Rita Lee e Henfil. No coro, 15 participantes dirigidos por Cristovão Bastos, que dividiu os arranjos com Ermani Maletta.

Diogo Vilela



Inez Viana

Pimentinha

“Não nos esquecemos de enfatizar o temperamento forte de Elis, que num determinado momento responde à pergunta: ‘quando você vai gravar Caetano?’, com um ‘nunca!’. E algum tempo depois, declara: ‘Caetano é a pessoa mais importante da minha geração’. O lado camaleônico de Elis Regina também foi lembrado. “Vendo as fotos, constatamos que ela mudava muito o visual. A peça vai mostrar isto também”, conta Douglas.

No dia seguinte ao convite para dirigir Elis, Diogo Vilela diz que acordou emocionado. E por ter ouvido muitos discos da cantora, chegou à conclusão de que o show *Saudade do Brasil* deveria orientar o espetáculo. “Botei a música no teatro”, diz ele. “Só entendo de teatro, mas sou sensível para a música. E o que me envolveu com o espetáculo foi exatamente este símbolo que Elis representou.”

21
Embratel apresenta
Uma Empresa WorldCom

CASA DE BONECA

de Henrik Ibsen



ELENCO:

ANA PAULA ARÓSIO
FLORIANO PEIXOTO
MARCOS WINTER
MICHEL BERCOVITCH
SILVIA BUARQUE

DIREÇÃO:

ADERBAL FREIRE-FILHO

REALIZAÇÃO: ARÓSIO, GARCIA &
RANGEL PRODUTORES E ASSOCIADOS



APOIO CULTURAL:



AD
AG

L'ORÉAL
PARIS

TEATRO DO LEBLON - RJ

SALA MARÍLIA PERA

RUA CONDE BERNADOTTE, 26 - LEBLON

FONES: (21) 2294-0347

2274-3536

APOIO INSTITUCIONAL:



O falcão e o imperador



Letícia Spiller e Jac Fagundes
em um espetáculo multimídia.

Por Maria Lucia Rangel

Foram oito meses de ensaio até a estreia de *O Falcão e o Imperador* no Teatro Villa-Lôbos. Um espetáculo multimídia, com linguagem moderna e belo impacto visual. Amigas há 15 anos, Letícia Spiller e Jac Fagundes dividem não só o palco, mas também a realização, a direção, a adaptação do texto e a pesquisa musical, esta última com a colaboração de Daniela Visco. O falcão (Letícia) e o imperador (Jac) discutem juntos as questões essenciais do homem moderno com muita música, trabalho duro de corpo e humor.

Letícia Spiller foi seduzida a voltar ao teatro depois de cinco anos pelo projeto idealizado por Jac Fagundes, que vem pesquisando, ao longo de sua carreira, um teatro pontuado na atitude cênica. A encenação aposta na capacidade de comunicação do ator através do seu corpo, da sua voz e da sua atitude. Diretora de dança da Faculdade da Cidade, Daniela Visco fez com as duas atrizes um trabalho sutil de corpo, com muito ritmo: “terminamos suando em bicas, mas é muito bom”, admite Jac.

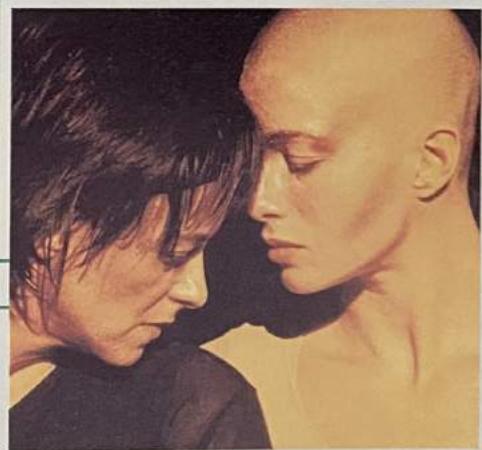
A própria Daniela executa a trilha sonora ao vivo, diferente a cada apresentação. Ao todo, foram cerca de 500 músicas pesquisadas, desde brasileiras até do Afeganistão. Já o trabalho vocal e as partituras de voz do espetáculo foram acompanhados desde o início por Márcia Tanuri.

Dualidade

Quando ganhou o livro *Ascese – Os Salvadores de Deus*, do grego Nikos Kazantzákis, Jac começou a pesquisar para a

peça. Mineira de 39 anos, faz questão de dizer que pesquisa “teatro mesmo”. Nunca fez televisão e todo espetáculo teatral montado por ela tem, no mínimo, dois anos de trabalho. “A estrutura do texto é o poema transformado em diálogo. Como recurso dramático, usamos o universo do poeta persa Rumi, com sua sutileza, sua poesia e amor incondicional. Descobrimos, eu e Letícia, várias semelhanças entre a relação dos personagens de *Ascese* e o romance vivido no século XIII pelo poeta persa Rumi e seu amante Shams de Tabriz, a quem o primeiro dedicou quarenta e cinco mil versos de amor”.

Segundo ela, a peça vai provocar reflexões. O imperador é humano, vive a dualidade. Pensa na vida e na morte, no masculino e feminino, no descendente e ascendente. E como em tudo na vida é preciso optar, ele vive esse conflito. O falcão é muito mais resolvido. Acha todos os problemas uma bobagem.”



FOTOS: CLAUDIO ETGES/DIVULGAÇÃO



Louise Cardoso late de salto alto...

Por Maria Lúcia Rangel

Pouco antes de estrear em Nova York e fazer um enorme sucesso off-Broadway nos anos 90, *Sílvia*, peça do dramaturgo americano A. R. Gurney, criou uma enorme polêmica entre as feministas. Elas queriam suspender sua exibição alegando ser contra qualquer bom senso uma atriz interpretar uma cadela. A peça conseguiu estrear e, surpreendentemente, agradou principalmente às feministas. Em sua estréia brasileira, é Louise Cardoso quem interpreta o personagem-título, a cadela Sílvia, um projeto adiado algumas vezes e que finalmente sobe ao palco do Teatro Clara Nunes.

Apaixonada por bichos – no momento sem nenhum, devido às constantes viagens de trabalho – Louise Cardoso convidou Aderbal Freire-Filho para a direção. A experiência na única peça que fizeram juntos, *Besame Mucho*, foi ótima e ela precisava ser dirigida por alguém que impedisse o ridículo em cenas como a que rola no chão ou pega uma revista com a boca. “O Aderbal tem cachorro, é fantasioso e um grande diretor”, justifica a atriz.

Gil, personagem de Otávio Augusto, é quem dá início ao espetáculo, levando Sílvia para casa depois de encontrá-la numa pracinha. Carente, com um casamento de anos, Gil enxerga o animal como uma mulher. E é através do seu olhar que os outros personagens e o público vai enxergar Sílvia. “Ele não troca a mulher pela cachorra, mas precisa de mais. A vida dele é muito abstrata e a Sílvia, concreta. O cenário segue esta idéia minimalista, do abstrato”, explica Louise.

Só que Kátia (Denise Del Vecchio), casada há 22 anos com Gil e cheia de planos de aproveitar a vida depois que os filhos já saíram de casa, não vê com bons olhos o afeto crescente entre o marido e a cadela, partindo para o confronto “ou ela ou eu”. Tudo é resolvido no final da peça, que Louise pede para não ser contado. A comédia, recheada de sutilezas, tem ainda Marcelo Saback vivendo Tom, Ofélia e Darcy, personagens que entram na história para deixá-la ainda mais engraçada.

De gato a cachorro

Foi Flávio Marinho quem, ao assistir à peça em Nova York, lembrou-se de Louise para a versão brasileira. Ele a vira brilhar em 76 como um gato em *O Dragão*, seu primeiro trabalho profissional dirigido por Maria Clara Machado. Demorou 25 anos para a atriz passar de gato a cachorro. “Foi brincar de bicho para descobrir a minha essência”, brinca a atriz. “A peça é um grande exercício de comédia, porque tem muito de vaudeville, mas não é de dar gargalhada a toda hora. Há zonas de mistério nessa personagem que fazem com que a composição dela seja sem limites. Fico sonhando deixar sair meu lado bicho, para ele poder falar com o lado bicho das pessoas na plateia.”

Mas foi preciso trabalhar duro nos bastidores antes da estréia. Louise fez preparação corporal com Rossella Terranova para dar credibilidade aos seus movimentos de cachorro, sem perder a sensibilidade de mulher. Seus figurinos são de mulher e ela atua a maior parte do tempo como bípede, deixando claro em alguns momentos, sem caricaturas, que Sílvia é uma cadela.

Colecione, assine!

em cartaz

peças, horários, teatros e preços



Enviamos
para todo
o Brasil

Assinatura
semestral
R\$ 18

Maiores
informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Amor Feminino Plural

Texto de 24 autoras sobre os mais diversos aspectos do amor: busca, paixão, perda. Direção de Mônica Alvarenga. Com Maria Pompeu, Myriam Nogueira e Tereza Teller. **Café do Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, Copacabana). Fone: 2547-7003. De quarta a sábado, 19h. R\$10.

Cabaré Filosófico

Quarto cabaré de Domingos de Oliveira, autor, diretor e intérprete. Elenco: Luiz Carlos Maciel, Clarisse Derzié, Maria Ribeiro, Dedina Bernardelli. **Teatro Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h20. R\$15.

Casa de Boneca

Texto de Ibsen que discute a situação social da mulher na segunda metade do século XIX. Direção de Aderbal Freire-Filho. Com Ana Paula Arósio, Floriano Peixoto. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** ((Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. De quinta a sábado,

21h. Domingo, 20h. R\$20 (qui.). R\$25 (sex. e dom.) e R\$30 (sáb.).

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino, escritas por duas jovens autoras e atrizes, Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20 (qui.), R\$25 sex. e dom.) e R\$30 (sáb.).

Conduzindo Miss Daisy

A comédia de Alfred Uhry conquistou o Prêmio Pulitzer e sua adaptação para o cinema ganhou três Globos de Ouro e o Oscar de 90. Direção de Bibi Ferreira. Elenco: Nathalia Timberg, Milton Gonçalves e Reinaldo Gonzaga. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2220-8394. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R\$20 (qui., sex. e dom.) e R\$25 (sáb.).

UM PRESENTE QUE VAI EMOCIONAR...
Coleção completa de Aplauso por R\$ 48! Edições de 1 a 33

Desejos, Basófilas e Quedas

Novo espetáculo de Hamilton Vaz Pereira, que também dirige, sobre personagens contemporâneos que observam os acontecimentos no mundo. Elenco: Luciana Braga, Ernesto Picollo, Bruno Garcia. **Teatro do Jockey RioArte** (Rua Mária Ribeiro, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. De quinta a sábado, 21h., Domingo, 20h. R\$15.

Elis

Musical sobre Elis Regina, desde os seis anos em Porto Alegre até o sucesso como maior cantora do Brasil. Texto de Douglas Dwight e Fátima Valença. Direção e roteiro de Diogo Vilela. Com Inez Viana, Nelson Freitas Jr., Jandir Ferrari. **Teatro I do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R\$10.

Entre Quatro Paredes

Texto de Jean Paul Sartre questionando o drama dos que vivem na eterna defensiva diante do outro. Direção e adaptação de Bruno

Rodrigues. Com o Grupo Teatral Navegantes da Arte. **Teatro do Museu da República** (Rua do Catete, 153, Catete). Fone: 2558-6350. Quartas e quintas, 19h. R\$10.

Farsa da Boa Preguiça

Comédia de Ariano Suassuna sobre dois homens casados que são provocados por três diabos e têm propostas de redenção de três anjos. Com o grupo Confraria da Paixão. Direção de Elza de Andrade. **Espaço Ariano Suassuna** (Rua do Lavradio, 20, Centro). Fone: 3852-5516. De segunda a domingo, 20h. R\$5. A partir de 18/1.

Fim do Jogo

Depois de uma temporada de sucesso em São Paulo, chega ao Rio a peça de Samuel Beckett com tradução de Millôr Fernandes. Direção de Francisco Medeiros. Com Edson Celulari e Cacá Carvalho. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$25.

História Muito Estranha!

Peça de Araylton Alexandre Públio premiada pelo Ministério da Cultura no ano passado, sobre a luta pelo poder no sertão da Bahia. Direção de André Valli. Elenco: Thelma Reston, Henrique Taxman, Rogério Freitas. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$15 (qui., sex. e dom.) e R\$20 (sáb.).

Jantar entre Amigos

Peça do americano Donald Margulies, prêmio Pulitzer do ano passado, sobre a amizade de dois casais. Direção de Felipe Hirsch. Com Renata Sorrah, Xuxa Lopes, Otávio Müller. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20 (qui. e sex.), R\$30 (sáb.) e R\$25 (dom.).

Meu Destino é Pecar

Folhetim escrito em 1944 por Suzana Flag, pseudônimo de Nelson

Rodrigues, sobre um viúvo que se casa novamente ainda com o pensamento na falecida. Direção de Gilberto Gawronski, com a Cia. de Atores. **Teatro do Planetário/Maria Clara Machado** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$15.

Mundo Pânico

Texto e direção de Roberto Alvim sobre os atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos. Com Daniel Lobo, Luciana Borghi. Participação especial em vídeo de Tônia Carrero. **Bunker 94** (Rua Raul Pompéia, 94, Copacabana). Fone: 2521-0367. De quarta a sábado, 21h30. R\$15.

O Abobalhado

Teatro de Revista que discute a estrutura do poder de hoje, a globalização e caminhos para a sociedade através do teatro. Texto e direção de Dinho Valladares, com a Companhia de Teatro Contemporâneo. **Teatro Ziembinski** (Rua

Heitor Beltrão s/n, Tijuca). Fone: 2569-9071. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10.

O Falcão e o Imperador

Espectáculo multimídia baseado em poema do escritor grego Nikos Kazantzákis. Direção de Letícia Spiller e Jac Fagundes, responsáveis pela encenação e adaptação, junto com Daniela Visco. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$15.

O Grande Regresso de Paulo Sérgio Cortez

Homenagem a três atores que interpretaram Rei Lear: Paulo Autran, Sérgio Britto e Raul Cortez. Livre tradução e adaptação da peça de Sérgio Kribus, com direção de Antonio Abujamra, que interpreta o personagem-título, contracenando com André Corrêa. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. A partir de 10 de janeiro.

Pinóquio

Adaptação livre da história do boneco de madeira que se transforma em menino. Direção de Moacyr Góes. Elenco: Leon Góes, André Valli, Natália Lage. **Espaço III do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$15. Até 27 de janeiro.

Poemas com Problemas II – o musical

Dezenove atores dançam, cantam e interpretam textos de Moisés Bitencourt, que também dirige. Com Alex Nader, Viviane Novaes e participação especial de Daniele Valente e Thiago Fragoso. **Teatro Arthur Azevedo** (Rua Victor Alves, 454, Campo Grande). Fone: 2413-3622. De sexta a domingo, 20h30. R\$8.

Se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come

Remontagem do texto de Vianinha e Ferreira Gullar sobre as velhas estruturas políticas, culturais e sociais brasileiras. Direção de Anto-

nio Pedro. Elenco: Andréa Dantas, Anselmo Vasconcellos, Murilo Rosa e Leandra Leal. **Teatro Casa Grande** (Rua Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 2239-4046. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$15 (qui.), R\$20 (sex. e dom.) e R\$25 (sáb.).

Sílvia

Comédia do americano A.R. Gurney sobre um triângulo amoroso que envolve uma cadela que pensa, fala e ama. Direção de Aderbal Freire-Filho. Com Louise Cardoso, André Valli, Denise Del Vecchio e Marcelo Saback. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$25 (qui., sex. e dom.) e R\$30 (sáb.).

South American Way

Musical de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa sobre Carmem Miranda. Direção de Miguel Falabella. Stela Miranda e Soraya Ravenle interpretam duas Car-

mens num elenco de 18 atores e bailarinos. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. Dependendo do setor onde estiver localizada poltrona, o preço varia de R\$30 a R\$40.

Um Porto para Elizabeth Bishop

Reestréia em temporada popular do belo texto de Marta Góes sobre os 15 anos da poeta norte-americana no Brasil. Direção de José Possi Neto, com Regina Braga no primeiro monólogo de sua carreira. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, 19, Centro). Fone: 2232-8701. Sexta e domingo, 19h30. Sábado, 21h. R\$5. Até 27 de janeiro.

Viver

Cinco textos de Machado de Assis dirigidos por Moacir Chaves. Com o grupo Péssima Companhia. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Terça e quarta, 21h. Domingo, 20h. R\$10.



Cabaré Filosófico

Domingos de Oliveira e os seis motivos para se montar um cabaré...

Por Maria Lúcia Rangel

FOTOS: SILVIO POZATO/ DIVULGAÇÃO

Nos últimos cinco anos, Domingos de Oliveira montou três cabarés no Teatro do Planetário. Agora está estreado o quarto, *Cabaré Filosófico*, no Teatro Laura Alvim. Pelo menos duas surpresas marcam o novo espetáculo: a participação do jornalista e escritor Luiz Carlos Maciel, há 40 anos sem pisar num palco, e Igor Eça fazendo a direção musical e tocando ao vivo. Grande músico, fera no piano, guitarra, cavaquinho e baixo, Igor é filho do pianista Luizinho Eça.

Domingos aborda sempre os mesmos temas em seus cabarés: sociedade, amor, condição humana, Deus e morte. Só que este último ele começou a escrever um pouco antes dos atentados terroristas de 11 de setembro, “que mudou muito o mundo e é como termina o espetáculo”. Ele admite que o *Cabaré Filosófico*, uma

forma de fazer teatro, foi certamente a coisa mais original que inventou até hoje como diretor. E enumera seis razões pelas quais é muito interessado nesta aventura teatral.

O cabaré é a glória

“Primeiro, porque é extremamente pessoal. Na verdade é uma forma indireta e poética de escrever uma confissão, uma autobiografia. Segundo, porque é uma forma viável de colocar para o público As Grandes Verdades que li ou pensei, sem cometer nenhuma ‘intrusão dramática’, o que certamente aconteceria se eu insistisse em colocar este mesmo tipo de texto numa estrutura dramática convencional. Terceiro, porque o público adora. O fato da música (e da dança) falarem pelo espetáculo, servirem de ‘transmis-



sores de conteúdo', aumenta muito sua comunicação, tornando-o mais compreensível".

As músicas escolhidas por ele são as que adotou ao longo da vida e com as quais viveu momentos inesquecíveis. Cerca de 20 canções foram pinçadas do quase esquecimento. São música evocativas, que alegraram gerações, como *Chuá Chuá*, *Banana Boat*, *Cry*, *Tango Cristal*, *Matilda* e *Recordações dos Velhos Carnavais*, de Lamartine Babo. Um bar anexo funcionará durante todo o espetáculo e uma boate foi montada no porão da Casa de Cultura Laura Alvim para tudo terminar em festa.

Esta é a quarta razão para Domingos manter seus cabarés. Para ele, o gênero é Teatro Festa, assumido como tal. "A vida é o terror e a glória. Do terror já se falou muito. O moderno, o difícil, é falar da glória. O cabaré é a glória! Em quinto lugar, acho muito curioso esteticamente...O Cabaré coloca no Teatro o que em literatura chama-se de Ensaio. É o espetáculo de idéias. E enquanto o cabaré clássico é caracterizado por uma libertinagem, uma malévola ironia, o nosso é um cabaré do bem. Finalmente, é o resgate da velha tradição do Teatro de Revista."



não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

As Fenícias



"A mitologia ajuda a entender o ser humano. Quando há uma conturbação cultural, a gente sempre

volta às bases, ou seja, ao clássico."

Luigi Barricelli, ator

Jantar entre Amigos

"Para minha surpresa, descobri um ator desconhecido para mim, o Mário Shoemberger, que tem um tempo de cena totalmente original."

Tessy Callado,
atriz



Conduzindo Miss Daisy

"Vale pela direção da Bibi Ferreira e pelo trabalho do Milton Gonçalves. Nathalia Timberg é uma estrela. Emocionante."

Rita Guedes,
atriz



Cócegas



"Acho um espetáculo de comédia muito divertido. Ingrid Guimarães e Lolô Perissé

estão muito bem."

Patrícia Travassos, atriz

História Muito Estranha!

A luta pelo poder em clima de quermesse.

Por Maria Lucia Rangel

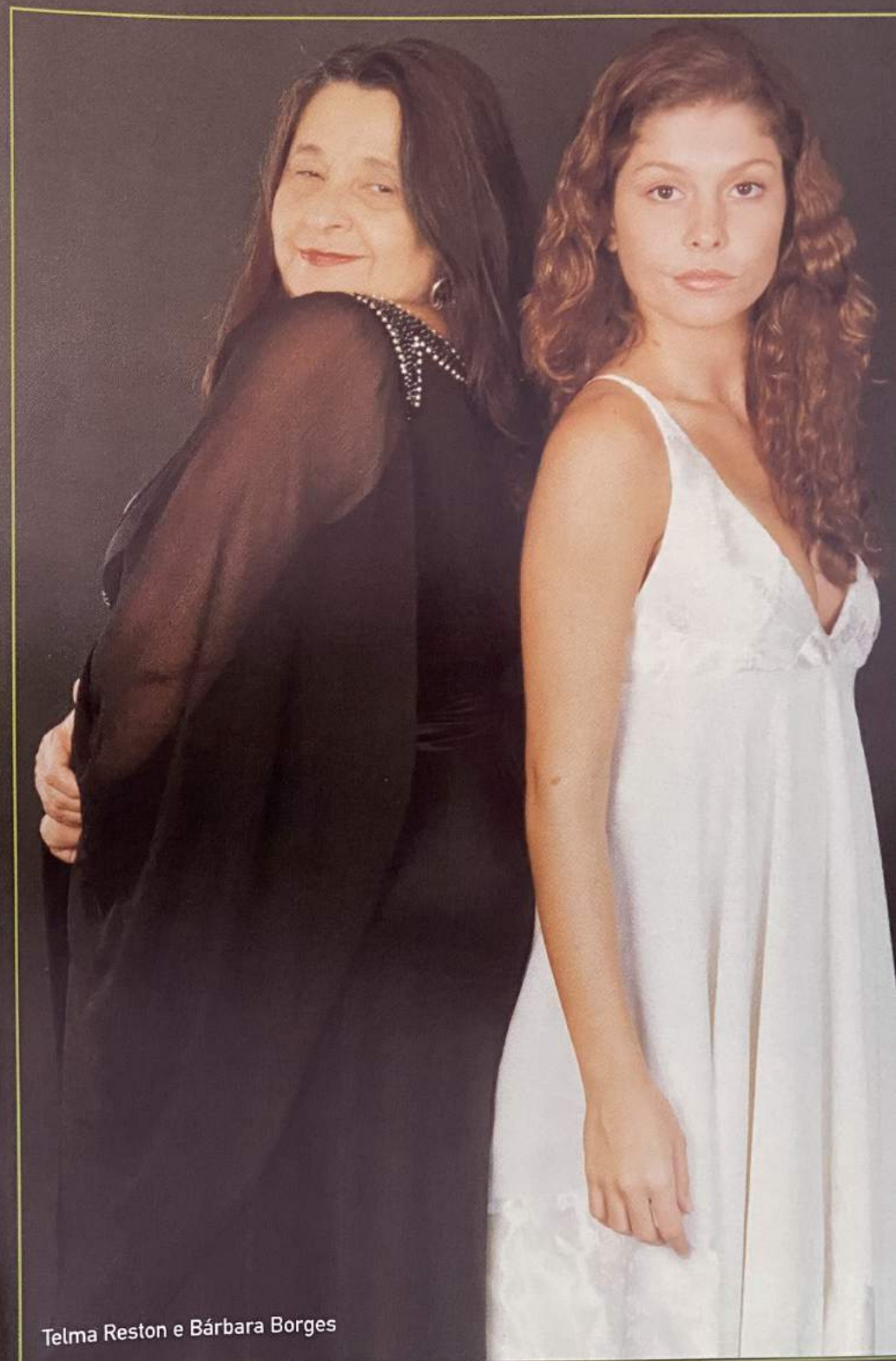
Segundo lugar no 1º Concurso de Textos Teatrais Inéditos do Ministério da Cultura, no ano passado, *História Muito Estranha!* é inspirada nos folhetos de cordel, com a presença de heróis, vilões e o toque sobrenatural que envolve as crenças populares. Seu autor, Araylton Alexandre Públio, já encenou com a Cia. Cênicos Cínicos, grupo teatral atuante em Feira de Santana, na Bahia, seis peças de sua autoria. Agora será conhecido dos cariocas com esta montagem no Teatro Ipanema.

No palco, atores consagrados como Thelma Reston, Henrique Taxman e Rogério Freitas atuam com os novatos Luciano Borges e Bárbara Borges, dirigidos por André (Visconde de Sabugosa) Valli. "Fizemos uma leitura deliciosa na Casa da Gávea, com direção de Cristina Pereira, e o sucesso me animou a montar a peça", diz Valli. Segundo ele, o estilo do dramaturgo segue a tradição da farsa popular, com personagens engraçados, safados, sensuais e, sobretudo, brasileiros.

Commedia dell'arte

História Muito Estranha! é uma autêntica farsa, com a estrutura de uma commedia dell'arte ambientada em Juazeiro, no sertão baiano. Tudo se passa em torno da família do intendente e de sua filha Senhorinha, em clima de quermesse na praça central da cidade. Aí se desenvolve a luta pelo poder, seja ele financeiro, social e até sexual. "Esta peça é resultado de uma pesquisa sobre poesia popular que desenvolvo de forma autodidata desde 95. E, de forma acadêmica, a partir de 2000", conta Araylton.

André Valli imaginou um espetáculo extremamente popular, quase circense, que possa ser representado ao ar livre, nas feiras, praças, ruas, circos e - por que não? - teatros. "Usando um texto brilhante, um elenco afiado, a música, o improviso, a irreverência e a sensualidade do nordestino, estaremos fazendo um teatro autenticamente brasileiro, com muita honra".



Telma Reston e Bárbara Borges



Bibi Ferreira em Gota D'Água, 1976



O mundo da cultura se encontra na Bolsa do Rio.



O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br



**PROJETO
MULTISHOW
DE INCENTIVO
AO TEATRO**



O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro**. O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News**.

Envie o seu projeto:

Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido

20251-032 Rio de Janeiro RJ

ou marketingmultishow@globosat.com.br

www.multishow.com.br

Para assistir ao Multishow, assine

NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728



CANAL GLOBOSAT